

# AS ARTES ENTRE AS LETRAS

DIRECTORA NASSALET MIRANDA | 29 JULHO DE 2009 | Nº 5 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE AS QUARTAS  
ISSN: 1647-290X

Árvore  
no 31º  
Festival  
Cultural  
Internacional  
de Arzilla  
Págs.12 e 13



## “O que mais se vê são viajantes de exposições”



Carlos Cabral Nunes, curador, garante, em entrevista, que a bandeira do «Surrealismo» continua actual, apesar de “ter de evoluir”. Quanto à crítica... “desde logo me apetece perguntar: qual crítica?”

Págs.4 e 5

# entrevista



Maria José Guedes

## Qual a importância do surrealismo nas artes plásticas?

É capital, quer em termos internacionais, quer a nível nacional. Pode dizer-se, sem exagero, que é uma proposta de revolução poética e plástica, mas também social, cujos ecos ainda hoje é possível ver e ouvir em muitas das manifestações artísticas e sociais contemporâneas. Diria mais: que é uma aventura que, longe de terminada, se renovou, pese embora os seus novos interventores já não usem a designação de Surrealistas. O Artur do Cruzeiro Seixas dizia recentemente e eu não podia estar mais de acordo que "o Surrealismo tem, necessariamente, de evoluir, modernizar-se" e isso, de facto, tem acontecido. As premissas de hoje são diferentes das dos anos 20, em Paris e das dos anos 40, em Portugal, alturas em que começam os movimentos Surrealistas em França e aqui. Por isso, naturalmente, não é possível ou é simplesmente desinteressante estar a procurar o mesmo que procuraram (e da mesma forma, pelos mesmos meios) os autores que nessas épocas desenvolveram os movimentos Surrealistas. Hoje a realidade é distinta e os desafios que se colocam à humanidade são, em muitos casos, significativamente, diferentes dos que se colocavam então mas igualmente exigem respostas artísticas, poéticas e sociais. Desde logo a questão da globalização e da tecnologia interactiva que a par da problematização que coloca, envolve também uma oportunidade criativa imensa, uma possibilidade discursiva e narrativa que, naquelas épocas, era apenas, se existia, matéria ficcional-científica. Em todo o caso, a questão central proposta pelos Surrealistas mantém-se actual: construir uma sociedade assente numa trilogia de "Amor, Liberdade e Poesia". Hoje, talvez, se possa (e deva?!), acrescentar mais alguns pilares - Globalismo, Altruísmo, Arte, Sustentabilidade - e recuperar, do ideário da Revolução Francesa a Fraternidade e a Igualdade, tudo valores, ideais, hoje muito em falta mas, simultaneamente, mais e mais essenciais à estabilização da espécie humana no seio do planeta e em si mesma. O conceito de Arte Global, cuja discussão ainda agora se vai

Carlos Cabral Nunes, comissário do ciclo "Os Surrealistas"

# O surrealismo tem de evoluir

Carlos Cabral Nunes considera que a questão central proposta pelos Surrealistas continua a estar actual, uma vez que passa por "construir uma sociedade assente numa trilogia de Amor, Liberdade e Poesia. Hoje, talvez, se possa (e deva?!), acrescentar mais alguns pilares - Globalismo, Altruísmo, Arte, Sustentabilidade - e recuperar, do ideário da Revolução Francesa a Fraternidade e a Igualdade". Porém, lamenta que em Portugal a crítica seja quase inexistente, "o que mais se vê, são viajantes de exposições(...)". Em muitos casos, na maioria, o crítico desapareceu para dar lugar ao jornalista generalista que tanto escreve sobre a criancinha desaparecida como sobre a magnífica exposição, por exemplo, que fizeram ao Cesariny no Museu da Cidade".

iniciando, reflecte, justamente, sobre a necessidade de re-contextualizar este movimento no actual paradigma sociocultural.

## Há verdade no surrealismo?

Claro que sim. Diria mais: a busca do Surrealismo é precisamente alcançar uma verdade profunda - inatingível por via da razão cognoscitiva. Daí o processo criativo estabelecido, o automatismo psíquico puro, que pretendia captar a verdade interior do indivíduo sem os filtros da razão, do consciente. As obras mais divulgadas e apreciadas do Surrealismo foram realizadas segundo este procedimento. O Mário Cesariny, para não ir buscar exemplos fora de portas, fez as suas "sismofiguras", que são das suas obras mais apreciáveis e com características únicas, mesmo a nível internacional, deixando a mão "viajar" sozinha enquanto ele andava de eléctrico, nos anos 40. Claro que, hoje, talvez não seja mais possível pretender-se uma forma de automatismo psíquico puro, dado o excesso de informação a que cada ser humano, pelo menos no Ocidente, está sujeito mas pode falar-se, possivelmente, de automatismo emocional puro porque as emoções, de tão reprimidas nas sociedades contemporâneas (pelo inculcar de modelos visuais alheios à vontade individual), são, de facto, a fonte actual de onde pode brotar uma nova forma de revolução que, num modelo de evolução Surrealista, terá, necessariamente, de ser positiva, construtiva.

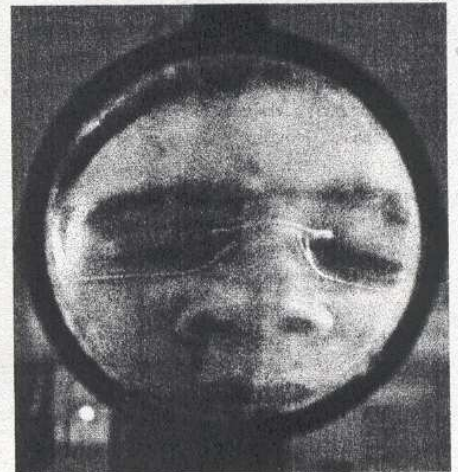
## Qual o encanto do surrealismo?

É, sobretudo, saber que foi possível, em condições por demais adversas, especialmente cá, apresentarem propostas, não exclusivamente artísticas, que punham em causa os dogmas da época de forma tão profunda e radical que tinham contra si quase tudo e todos e que, nessa força de expressão, legaram um gesto que os transcende como pessoas e artistas e que tem repercussões ainda hoje. Contribuíram, verdadeiramente, para dar significado à noção que hoje temos de liberdade.

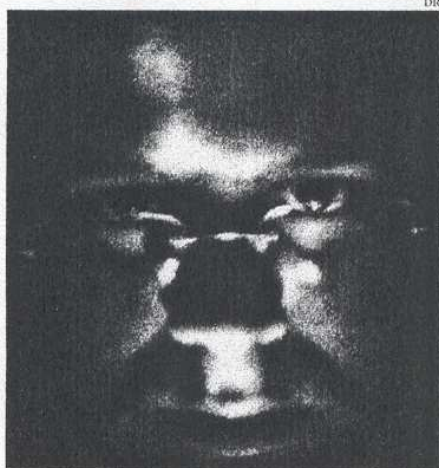
60 anos passados desde a 1ª exposição do anti-grupo Surrealista português, o que

## não se pode deixar de dizer?

Que, após a geração Orpheu, este foi o mais importante movimento em Portugal, no século XX, integrando uma proposta, um ideário transversal - das artes à sociedade, à religião; Por outro lado, à que dizer que, não obstante o seu conhecimento das ideias e propostas internacionais, conseguiram uma afirmação própria, que não é de citação - há um carácter único na forma mas também na construção narrativa e até na formulação do ideário de "Os Surrealistas" portugueses que se autonomiza, de facto, das correntes estrangeiras, sobretudo enquanto permanecem juntos, até 1951. O que é de lamentar é que, passados estes anos, se saiba ainda tão pouco sobre o que fizeram e como o fizeram estes artistas. Aqui, penso, é de capital importância que instituições como a Fundação Cupertino de Miranda, que acolhe o maior espólio desses autores, a par com a Biblioteca Nacional, que também tem vasta documentação, na sua maioria doada pelos próprios, se organizem de forma realmente eficaz para darem a conhecer o que possuem deste anti-grupo e promovam estudos e monografias mas, sobretudo, criem na internet bases consultáveis sobre os seus acervos. Claro que a Fundação Gulbenkian também tem responsabilidades e pouco ou nada fez sobre estes autores (muitas das obras que deles tem foram graciosamente doadas pelos artistas - Cesariny



# entrevista



dizia-me que, a dada altura, farto da exclusão, meteu-se num táxi com uma série de quadros, alguns deles fundamentais como "Pranto por Tupac Amaru", e foi dá-los à Fundação para que, já que não adquiriram nada, pelo menos, alguma coisa dele lá tivessem – e esta, talvez por desconhecimento, persiste em manter errado o título da obra, que é uma elegia ao último chefe Inca). E o estado, através do Ministério da Cultura e da D. G. Artes, também deve fazer algo no sentido de divulgar nacional e internacionalmente esses autores, o que já devia ter feito há muito tempo, mas nunca é tarde, como se viu no caso recente do sucesso da exposição de Amadeu Souza-Cardoso, realizada quase 90 anos após a morte do pintor. Espero e desejo que, ao contrário desse caso, seja possível a realização dessa divulgação ainda estando vivos alguns dos Surrealistas portugueses, como o Cruzeiro Seixas e o Carlos Calvet. Claro que isto esbarra no sentido de apagamento que alguns querem dar, desde a sua formação, ao anti-grupo, procurando valorizar mais o exercício quase meramente estético de alguns actores da época e isto, infelizmente, acabou por fazer alguma escola que tarda a desmontar e que ainda está muito presente quer nos órgãos decisores quer nos media e nos chamados fazedores de opinião que, na maioria dos casos, estão muito mal informados.

## A «crítica» é sempre uma mais valia para qualquer ramo das artes, quanto às artes plásticas, em Portugal, na sua opinião a crítica peca por que defeitos?

Fazendo um pouco de humor, desde logo me apetece perguntar: qual crítica? É que quase já não há nem crítica, nem críticos. O que mais se vê, são viajantes de exposições, perdoem-me a expressão que não é para ofender ninguém. Mas, na realidade, o espaço destinado ao exercício dessa actividade muito importante embora nada pacífica, tem vindo a ser reduzido quase ao mínimo na maioria das publicações e, quando há, regra geral enferma de cumplicidades entre quem escreve, quem mostra e quem faz, levando no mais à mera referência, quase sempre elogiosa ou estritamente informativa. Em muitos casos, na maioria, o crítico desapareceu para dar lugar ao jornalista generalista que tanto escreve sobre a criancinha desaparecida como sobre a magnífica exposição, por exemplo, que fizeram ao Cesariny no Museu da Cidade. Em muitos casos, sobretudo nos que não existe sinopse da exposição, os tais

jornalistas, talvez por justificado receio de errarem, nem sequer escrevem, como é o caso da exposição de artista (com conceito desenvolvido pelo próprio) que Cruzeiro Seixas fez na Casa de Pascoaes em Amarante, algo que magoa pelo silêncio que se fez disso. Enfim, talvez projectos como este vosso jornal possam contrariar este estado de coisas e, claro, a internet, que é um meio poderosíssimo e, ao contrário do que temiam muitos, permite a fixação do que vai sendo feito e escrito. É que a actividade crítica não tem de ser anódina, deve procurar reflectir e fazer reflectir sobre qualquer tema sem ser parcial (como o foi muitas vezes no passado e, talvez por isso mesmo, tenha vista o seu espaço de expressão e influência reduzido).

## A liberdade continua a ser a bandeira do surrealismo?

Uma das suas razões de ser... Penso que terei já respondido a esta questão mas posso acrescentar que a Liberdade hoje, a sua necessidade e urgência, assume características muito diferentes das que tinha à época. Hoje coloca-se a questão da globalização e da macroeconomia mas subsistem questões relativas à auto-determinação que, em moldes distintos dos do passado, pois não vivemos em ditadura política, se colocam às pessoas e, de entre estas, aos autores. A simples aparência de que já não é possível contrariar o estado de coisas leva à noção de clausura e a consequente nova cartografia da Liberdade que o Surrealismo sempre defendeu e agora re-contextualiza.

## O livro objecto da autoria de Artur do Cruzeiro Seixas, intitulado "Proseguimos, cegos pela intensidade da luz", lançado este mês, vem fechar a trilogia dedicada ao surrealismo. Como descreve esta obra?

É uma obra essencial para se compreender o processo Surrealista do autor e da sua geração. Mas mais ainda para nos transportar a uma não-linearidade narrativa onde podemos encontrar-nos com questões centrais não só do Surrealismo, da vida. A trilogia é, antes de tudo, uma homenagem a Cesariny, alguém que, até ao fim da vida, lutou por aplicar o lema "Amor, Poesia, Liberdade" e isto numa altura em que é deveras difícil fazer este



postulado sem desviar o olhar, quanto mais, como ele o fez, aplicá-lo quotidianamente.

## Com o privilégio de privar com Artur do Cruzeiro Seixas, o que mais o impressiona neste homem-talento?

A força de viver e a capacidade de realizar, sobretudo atendendo aos seus quase 89 anos de idade. É um exemplo de que, enquanto a chama dos sonhos por realizar se mantém acesa e a nossa obstinação o exige, somos capazes de permanecer mergulhados numa espécie de graal ou fonte da eterna juventude.

## Torres Vedras, o que podemos esperar?

Uma exposição documental dentro de um albergue da liberdade desenhado por outro fantástico autor, ainda pouco divulgado entre nós, Pancho Guedes. Vai ser instalado no Parque Verde em Torres Vedras, com o apoio do Teatro-Cine que é actualmente dirigido por um autor que prezo muito e tem um trabalho bastante valioso, o João Garcia Miguel - de uma geração, de certa maneira, herdeira do gesto Surrealista. Espero que possa transformar-se num local de abrigo para poetas e amantes da madrugada que, no silêncio, transformem o espaço, dele se apropriando e revistando esse momento maior da nossa cultura que foi a exposição de 1949 de "Os Surrealistas".

## RESUMO BIOGRÁFICO

Carlos Cabral Nunes, nasceu em 1971 em Moçambique. Estudou na Academia Artística de Remscheid, Alemanha, em 1989. Em 1997, realiza o manifesto de Arte Global, que deu origem no mesmo ano, à criação do Colectivo Multimédia Perve, de que é membro fundador e coordenador artístico. No âmbito da Arte Global, realizou vários espectáculos, ateliés e performances, entre 1997 e 2005. Em 1999, organizou e comissariou o 3º Encontro de Arte Global, envolvendo dezenas de artistas de vários países. Foi membro do júri do Top Talent Award em 2003, na Áustria. Frequentou o curso de Digital Multimedia Authoring no Arthouse Multimedia Centre for the Arts, Dublin, Irlanda, e é membro permanente da Academia Europeia de Media Digital, Utrecht, Holanda. Exerce funções de comissário e curador das exposições de arte contemporânea realizadas pela Perve Galeria, de que é também sócio-gerente, desde 1999. Em 2008 fez curadoria do projecto expositivo "O.U.T. - The underground" para a Trienal Internacional de Arte Contemporânea de Praga, na República Checa e, neste mesmo ano, organizou e comissariou as exposições internacionais itinerantes "Mobility - Re-reading the future", em parceria com as Galerias Nacionais da República Checa e da Bulgária, da Fundação Tuttlej, na Polónia e da Academia Finlandesa de belas Artes. Fez Rádio e Jornalismo, entre 1989 e 1991 e desde então assina, esporadicamente, artigos de opinião em revistas e jornais em Portugal e no estrangeiro. Criou e dirigiu as editoras discográficas independentes Área Total (1988-1992), Fábrica de Sons e SkyFall (1994-1996). É realizador da série documental NOMA, composta por 24 curtas-metragens dedicadas à arte contemporânea nacional e internacional. Frequentou a licenciatura em Estudos Europeus da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, completou a pós-graduação em Gestão de Mercados da Arte no INDEG - Business School, organizado pelo ISCTE e pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nessa mesma instituição, prepara uma Tese de Mestrado sob o título "Arte Global", a entregar em 2009.